



apresentação

GÊNERO, TECNOLOGIA E SOCIEDADE EM INTERAÇÃO

*Gender, Technology and Society
in Interaction*

Marília Gomes de Carvalho*

O tema deste número da Revista **Tecnologia e Sociedade** refere-se ao gênero e sua intersecção com fenômenos relacionados à tecnologia. Para que se torne mais compreensível esta interação e as diferentes manifestações que pode assumir em diversos contextos, é mister desenvolver uma reflexão conceitual, a fim de esclarecer ao leitor as referências que fundamentam a abordagem que permite relacionar gênero e tecnologia.

O gênero, visto como o fenômeno social que possibilita compreender a construção cultural do masculino e feminino, é um termo que surge nas ciências sociais a partir dos anos 1980 para diferenciá-lo dos estudos sobre mulheres, desenvolvidos especialmente pelo movimento feminista. Os estudos de gênero ganham uma abordagem acadêmica mais ampla do que os estudos feministas, pois passam a considerar não só a desnaturalização das mulheres, mas também a desnaturalização das relações entre homens e mulheres

Para os cientistas sociais não há dúvidas de que papéis, padrões, valores, habilidades, comportamentos e atitudes de homens e mulheres são produtos da cultura e não produtos da natureza e, como tais, devem ser analisados. Enquanto produto cultural, o gênero passa a ser visto de acordo com a dinâmica da vida social, o que significa que não há um único modelo

* Mestre em Ciências Sociais (Antropologia), pela PUCSP, doutora em Antropologia Social pela USP e pós-doutora em Relações Interculturais pela Université de Technologie de Compiègne – França. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações de Gênero e Tecnologia - GeTec/PPGTE e professora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia - PPGTE, da UTFPR. (mariliagdecarvalho@gmail.com)

de masculinidade nem de feminilidade para os seres humanos. Resultados do processo histórico-cultural, os modelos de homens e mulheres são construídos de maneira diferente, dependendo do contexto histórico, da época, do tipo de sociedade, do grupo social, da religião, da profissão, enfim de inúmeros fatores que interferem na constituição dos sujeitos sociais.

De acordo com Scott, 1995, o gênero, sob a ótica relacional, constitui uma categoria útil de análise histórica, porque permite interpretar não só as relações entre os gêneros, mas também as relações de poder que se estabelecem em diferentes situações sociais, seja entre homens e mulheres, seja dos homens ou de mulheres entre si.

Os estudos apresentados nesta Revista são todos relativos à sociedade atual, portanto referem-se ao padrão da sociedade ocidental moderna que, por ser uma sociedade complexa, caracteriza-se pela pluralidade de modelos para várias situações ou grupos sociais. Outra característica de nossa sociedade é a dinamicidade, o que significa que certas transformações (as tecnológicas, por exemplo) são cada vez mais rápidas, e que nem sempre vêm acompanhadas com a mesma rapidez de transformações sócio-culturais, como por exemplo, os padrões de gênero. O que geralmente acontece é a co-existência de diversos padrões para homens e mulheres, de acordo com as atividades, os ambientes ou grupos sociais em que se manifestam.

Um dos aspectos sociais em que estas transformações estão ocorrendo é o da tecnologia, que foi durante muito tempo considerada um domínio masculino, mas que hoje está cada vez mais sendo ocupado também por mulheres. Esta inserção, porém, não acontece sem conflitos ou sem um jogo de forças em que é possível perceber as relações de poder entre os gêneros.

A tecnologia é interpretada aqui como um processo social inserido em um contexto mais amplo do que o estritamente técnico e instrumental. Sabe-se que há diferentes vertentes para definir o que é a tecnologia¹. Nos artigos aqui apresentados este fenômeno será visto como uma atividade social que implica na utilização de técnicas, que

1 Para uma discussão sobre o conceito de tecnologia, tal como é compreendido nos diferentes artigos deste volume e as diferentes abordagens que o envolvem, ver Carvalho, M.G; Araújo, S.M. e Feitosa, S. em www.ppgte.cefetpr.br/genero. Ver também Carvalho. M.G., 2003.

só tem significado se for interpretada em relação a outras dimensões da vida social, como por exemplo, a dimensão política, a econômica, a ideológica, a científica e, especialmente, no caso dos artigos publicados neste número, a dimensão do gênero.

Sob este ponto de vista muitas abordagens podem ser feitas. Por exemplo, a participação das mulheres nos cursos de educação tecnológica, no mercado de trabalho, na apropriação de tecnologias, na utilização de tecnologias por mulheres, na produção de tecnologias por homens para uso das mulheres, nos conceitos de masculinidades em situações nas quais está em jogo a utilização de tecnologias, enfim, inúmeras análises que evidenciam que tanto gênero quanto tecnologia são produtos da cultura e, como tal, sofrem influência dos padrões onde estão inseridos e das forças sociais que interferem em sua dinâmica e transformações.

Dentre os estudos de gênero que vêm cada vez mais sendo desenvolvidos por pesquisadores de diferentes áreas em inúmeras instituições nacionais e estrangeiras, vários temas vêm sendo contemplados, como gênero e saúde, gênero e educação, gênero e família, gênero e violência, gênero e sexualidade, gênero e corpo, gênero e ciência, para citar alguns exemplos. No entanto, a associação entre gênero e tecnologia é uma das mais recentes e na qual há um reduzido número de grupos de pesquisa e poucos estudos realizados, se considerarmos o volume de conhecimento já produzido nos outros exemplos citados.

A fim de melhor demonstrar a riqueza das possibilidades de interpretação das relações que se manifestam na intersecção do gênero com a tecnologia, os artigos apresentados nesta Revista trazem uma diversidade de abordagens que, iniciando por uma discussão sobre a construção do conhecimento científico e a educação tecnológica, sob a ótica feminista, passam por situações que evidenciam o embate entre os gêneros no âmbito do mercado de trabalho e da educação tecnológica e trazem à tona discussões a respeito do gênero e as novas tecnologias de reprodução, gênero e mídia e diferentes modelos de masculinidades.

Carla Giovana Cabral em seu artigo “Investigando o caráter situado do conhecimento: reflexões sobre epistemologias feministas e educação científica e tecnológica” trata da importância de se considerar a produção

do conhecimento científico como algo que é historicamente situado, portanto como algo que sofre transformações no decorrer do tempo e das transformações sociais nas quais este conhecimento é produzido. Conseqüentemente, considerando a inserção de mulheres no contexto da produção científico-tecnológica, nada mais lógico do que a necessidade de uma mudança de paradigma, tendo em vista que a relação do feminismo com a produção científica traz em seu bojo questionamentos sobre o tradicional método científico - cujo modelo é androcêntrico - e a necessidade de uma revisão em seus princípios, tendo em vista a crítica feminista na relação sujeito-objeto da produção científica.

No artigo “Expressões do ciberfeminismo na contemporaneidade”, Cristina Tavares da Costa Rocha mostra que a participação das mulheres em trabalhos da área das tecnociências, que envolvem conhecimentos de informática, teve um início modesto, mas sempre presente, e que esta participação é cada vez mais crescente. Trazendo dados de pesquisa de campo realizada nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, ela interpreta, através de depoimentos, situações vividas por mulheres profissionais do ciberespaço que evidenciam, por um lado, o inegável avanço e as conquistas conseguidas por estas profissionais em um espaço masculino e, por outro lado, as dificuldades e obstáculos que elas enfrentam ao resistirem às desigualdades e discriminações de gênero que persistem no universo das tecnociências.

O artigo de Maria Rosa Lombardi, “Engenheira & Gerente: desafios enfrentados por mulheres em posições de comando na área tecnológica”, representa uma pioneira abordagem de gênero nas engenharias, através de pesquisa qualitativa no Brasil (cidade de São Paulo e região metropolitana) e na França. Os resultados de sua pesquisa aqui apresentados, tratam das diferenças de gênero encontradas entre a gerência no masculino e no feminino e as dificuldades inerentes a esta atividade; as estratégias masculinas que excluem as mulheres dos momentos de sociabilidade, como por exemplo, os “clubinhos” masculinos; a posição da engenheira gerente em um grupo majoritariamente masculino e o questionamento da existência de um modelo feminino de gerência. Finalmente, a autora traz uma

discussão sobre os conflitos e desafios para a gerente engenheira e seus subordinados engenheiros.

Os três próximos artigos representam o resultado de um único projeto. Em 2003 foi feita uma parceria entre pesquisadores/as do GeTec/PPGTE/CEFET-PR (atual UTFPR) e do TanGens da Fachhochschule em Furtwangen, na Alemanha, a fim de que fosse realizada uma pesquisa entre estudantes de cursos da área tecnológica das duas instituições, para analisar suas percepções de gênero, utilizando a mesma metodologia e, após a conclusão de ambas, comparar seus resultados.

O artigo “Relações de gênero entre alunos e alunas em uma instituição de educação tecnológica brasileira” é de autoria de Marília Gomes de Carvalho (coordenadora do projeto e da pesquisa), Samara Feitosa e Valter Cardoso da Silva, na ocasião mestrandos do PPGTE e pesquisadores do GeTec. Traz os resultados da pesquisa realizada entre alunos e alunas de dois cursos de tecnologia do então CEFET-PR, abordando suas representações de gênero no curso e na profissão escolhida, expectativas de trabalho e suas percepções a respeito de preconceitos e discriminações de gênero.

Stefan Selke, pesquisador do TanGens, enviou seu artigo com os resultados da pesquisa realizada na Alemanha, sob o título “A complexidade da identidade inconsciente de gênero: resultado de uma pesquisa entre estudantes da Fachhochschule-Furtwangen”. Neste artigo, Stefan Selke mostra como o processo de socialização das crianças na Alemanha direciona os meninos para desenvolverem habilidades com artefatos técnicos, enquanto as meninas são mais preparadas para lidarem com situações que envolvem relacionamento interpessoal. As relações entre os gêneros no curso de tecnologia investigado também se revestem de preconceitos e discriminações das alunas e favorecem os rapazes em determinadas funções técnicas.

“Gênero entre estudantes de tecnologia brasileiros/as e alemães/ãs: uma comparação” de Marília Gomes de Carvalho, Samara Feitosa e Valter Cardoso da Silva é o artigo onde as autoras e o autor fazem a comparação intercultural dos resultados da pesquisa na Alemanha e no Brasil. Há semelhanças e diferenças entre estudantes brasileiros e alemães com relação às questões de gênero e as aptidões técnicas. Em que pesem as diferenças culturais entre os dois países, as autoras e o autor deste

artigo mostram que, quando se trata da formação de jovens tecnólogos, os estereótipos de gênero se manifestam quase que da mesma forma.

No artigo “Novas tecnologias reprodutivas conceptivas: o paradoxo da vida e da morte”, Marlene Tamanini inicia com uma discussão que mostra diferentes posições feministas diante das possibilidades da reprodução através de tecnologias conceptivas. Em seguida, a autora revela os paradoxos que acompanham o processo de reprodução assistida, quando comumente pai e mãe buscam a qualquer custo ter um filho, muitas vezes vivendo situações ainda experimentais, onde o conhecimento médico é a autoridade. Através de depoimentos de pessoas que viveram esta situação, Marlene Tamanini traz casos polêmicos de reprodução com múltiplos embriões em que o casal deve optar pela eliminação de algum(ns). No artigo há também colocações importantes a respeito dos conflitos que cercam a prática das novas tecnologias reprodutivas conceptivas, problematizando a situação do/a médico/a, do pai e da mãe, da família de ambos e a ausência de uma legislação para regulamentar estas práticas.

Jane Felipe no artigo Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia, introduz, na discussão sobre gênero e tecnologia, o papel da mídia na construção de uma imagem da infância e juventude que passa pela erotização dos corpos. A partir da abordagem dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, a autora traz dados de pesquisa que mostram a erotização dos corpos infantis (especialmente os femininos) pela mídia. Não há problematização destas situações nem mesmo pela escola que, quase sempre, ignora discussões em torno da sexualidade. Considerando a necessidade de uma abordagem sobre este tema nas escolas, Jane Felipe sugere um amplo debate que resulte em subsídios de propostas pedagógicas sobre gênero e sexualidade a fim e prevenir ou evitar situações de violência, abuso e exploração sexual infanto-juvenil.

Finalmente, o artigo “Mudanças sociais e gênero: vivências de atualização de modelos de masculinidade em duas comunidades de Pernambuco” escrito por Karla Galvão Agrião e Pedro Nascimento é resultado de duas pesquisas realizadas na região metropolitana de Recife e no sul do Estado de Pernambuco. São comunidades com características culturais diferenciadas, a primeira, de baixa renda, e a segunda, que

passava por um processo de implementação de novas tecnologias de pesca, na ocasião da pesquisa. O foco de análise é o modelo de masculinidade presente naquelas populações e como os homens estavam vivenciando os processos de transformação social e tecnológica que os atingiam, e como eles atualizavam esses modelos de masculinidade diante de novas situações vividas. O artigo mostra que a referência que constrói a identidade masculina é o papel de provedor (seja ele real ou imaginário).

Este conjunto de artigos, à primeira vista diferentes entre si, trazem em comum o recorte de gênero e tecnologia, tal como estes termos foram definidos no início desta apresentação. São exemplos de como a sociedade e a cultura constroem referências e significados que dão sentido à vida humana, que estão todo o tempo, em todas as situações vividas, perpassadas por modelos de gênero e tecnologia que, enquanto construções culturais, jamais deixam de estar presentes nas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marília Gomes de “Relações de gênero e tecnologia: uma abordagem teórica”. Em **Relações de Gênero e Tecnologia**. Curitiba: Editora CEFET-PR, 2003.

CARVALHO, Marília Gomes de, FEITOSA, Samara e ARAÚJO, Sandro Marcos **Tecnologia**. Site: www.ppgte.cefetpr.br/genero. Acesso em 12 de setembro de 2006.

SCOTT, Joan “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Em **Educação e Realidade**: gênero e educação. Porto Alegre. v. 20. n. 2, jul/dez., 1995.